SAPERE AUDE

EDITORIAL

DOSSIÊ: MARX – 200 ANOS

Sapere aude – v. 9, n. 18, p. 7-11, jul./dez. 2018 – ISSN: 2177-6342

No ano em que se comemoram os 200 anos de nascimento de Karl Marx (1818-1883), muito se tem a refletir sobre a herança e a atualidade do seu pensamento no campo das ciências sociais, políticas e econômicas. Como bem observou Gyorg Lukács¹, o que Marx nos oferece é muito mais do que desenvolvimentos teóricos no campo das ciências particulares, ele nos fornece os elementos para uma ontologia do ser social, ou seja, o reconhecimento dos complexos que constituem a totalidade social, identificando seus nexos, suas conexões hierárquicas e suas inter-relações, de forma a possibilitar uma leitura materialista da realidade social.

Essa busca de apreensão do real, em que se compreende que “as categorias são formas de ser, determinações da existência”², revela o caráter ontológico do pensamento de Marx, que através de análises finas e perspicazes dos elementos que compõem a dinâmica da vida social, busca apreender a lógica das coisas em sua efetividade histórica, sem se perder, no entanto, numa leitura positivista da realidade. Ao contrário, encontra-se em suas análises o que em termos gerais poderíamos identificar como um “método”, que melhor se compreende como uma “analítica das coisas”³: a aproximação de um concreto ainda indeterminado, “representação caótica de um todo”, através de uma dupla viagem na qual o primeiro momento se dá através do trabalho de apreensão mais detalhada possível de suas determinações mais simples, para em seguida retornar a esse concreto agora de forma

¹ LUKÁCS, Gyorg. *Para uma ontologia do ser social*, vol 1. São Paulo: Boitempo, 2012.

² MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

³ Termo cunhado por José Chasin em *Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2007.

determinada, no “concreto como síntese de múltiplas determinações”⁴. Dessa forma Marx herda de Hegel uma compreensão da totalidade e de sua dinâmica contraditória, mas não como uma lógica a ser aplicada às diversas realidades em exame, e sim como uma malha compreensiva a partir da própria objetividade.

Muito se discute acerca da atualidade das teses do autor na contemporaneidade, e certamente ninguém mais do que ele admitiria a necessidade de repensá-las em função das transformações ocorridas nesse século e meio de suas formulações fundamentais. No entanto, o que assusta na contemporaneidade é justamente essa atualidade que se confronta com a falta de perspectiva de transformação social que parece imperar em nossos tempos. Tempos de um “futuro ausente”⁵ como dizia o filósofo José Chasin, no qual a altitude da filosofia marxiana não parece encontrar o seu destinatário. A tarefa no campo do marxismo hoje é compreender essas transformações e seus desdobramentos no terreno teórico e prático, sem sucumbir à ilusão de formas pretensamente superadoras dos elementos do pensamento de Marx que, em tese, não fariam mais sentido no capitalismo contemporâneo.

A grandeza de Marx se mede exatamente pela elucidação da lógica do capital, e todo o seu esforço se dirige a desnaturalizar os processos sociais, em identificar a atividade humana – sempre social – como único lócus de uma teleologia para a história, sem recair jamais no voluntarismo, pois como registra: "Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita.”⁶

Reconhecendo em Marx o grande leitor da sociedade moderna, os artigos deste dossiê se dedicam a temáticas diversas e inter-relacionadas que resgatam parte de seu trabalho em elucidar os complexos da existência social em suas relações determinativas e em sua dinâmica histórica. Também podem-se acompanhar, através dessa leitura, momentos significativos da trajetória intelectual do autor, com a identificação das inflexões teóricas que demonstram a sua capacidade de confronto crítico com a tradição filosófica e com a produção teórica nos campos da história, da economia e da sociologia, no sentido da elaboração de uma compreensão própria, capaz de abranger a especificidade dos fenômenos – como se depreende em seus artigos jornalísticos e em suas análises históricas - no interior do

⁴ MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

⁵ CHASIN, José. “O futuro ausente”. Revista Ad Hominem 1, tomo III. São Paulo: Edições Ad Hominem, 2000, p.163-243.

⁶ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2012.

reconhecimento de uma lógica tendencial do movimento histórico geral, em virtude das necessidades do capital.

Alguns dos artigos que se seguem são frutos do seminário “Marx: 200 anos”, promovido pelo departamento de filosofia desta universidade, na semana de 21 a 25 de maio de 2018. A estes se somam colaborações de outros pesquisadores do Brasil e do exterior.

Dada a forma como se deu a recepção da obra de Marx, pode-se dizer de um “destino trágico” em sua compreensão, como analisa Ester Vaisman no artigo *Os 200 anos de Marx e o destino de sua obra*, que abre este dossiê, em virtude seja das conveniências histórico-políticas nas quais se deu sua apropriação, seja das limitações de uma leitura gnosiológica, predominante na filosofia contemporânea, que deturpou e obscureceu questões fundamentais do pensamento de Marx. Nesse sentido, a autora nos dirá de um retorno a Marx, como tarefa imprescindível para os nossos dias, salientando a importância de Gyorg Lukács no reconhecimento da natureza ontológica dos escritos marxianos, e os desdobramentos desse reconhecimento na reconfiguração das temáticas ali presentes. De forma oportuna e coerente, o artigo resgata o esforço desenvolvido pelo filósofo José Chasin - um dos primeiros intelectuais a trazer para o Brasil a obra de Lukács - na consecução de um projeto de dar voz ao próprio Marx, livrando-o assim das impertinências que lhe foram atribuídas.

O artigo de Ana Selva Albinati trata do período pré-marxiano de Marx, englobando a tese doutoral deste e os artigos da *Gazeta Renana*, o que propriamente constitui o seu período de juventude. A exposição busca demonstrar a natureza teórica da produção desse momento, no intuito de contribuir para a compreensão da relação entre os escritos do *Jovem Marx* e sua produção posterior, questão aprofundada no artigo de Ronaldo Vielmi, *Da coisa da lógica à lógica da coisa*, que analisa o processo de ruptura com esse período, a partir da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, considerado um texto de transição, redigido em 1843. Como ressalta Vielmi, a partir desse acerto de contas com a filosofia hegeliana, no qual salienta-se a influência de Feuerbach, procura-se demonstrar que as críticas dirigidas à filosofia do direito de Hegel se alicerçam em questões de bases fundamentalmente ontológicas.

Monica Hallak, no artigo *Exteriorização da vida e alienação nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 de Karl Marx*, elucida os conceitos de alienação e estranhamento, conceitos chaves na diferenciação de Marx em relação a Hegel, e ainda hoje objeto de polêmica entre os intérpretes de sua obra. A autora se dedica à análise dos sentidos e das relações entre os fenômenos da exteriorização da vida (*Lebensäußerung*), alienação (*Entäußerung*), estranhamento (*Entfremdung*), que em Marx se relacionam ao fenômeno

generalizado da venda da força de trabalho (*Veräußerung*), recebendo assim a sua especificidade. Dessa forma, ressaltando a relação entre os termos tais como se pode depreender do uso desses pelo autor, contribui para evitar leituras equivocadas a esse respeito.

Vitor Sartori, em *Trabalho, riqueza e natureza humana: Marx e a crítica ao modo de produção capitalista*, se ocupa da crítica a uma certa leitura do pensamento de Marx que advoga a centralidade do trabalho como elemento distintivo do marxismo. Sartori trabalha as distinções entre trabalho concreto e trabalho abstrato, trabalho produtivo e improdutivo, e a crítica de Marx ao trabalho como única fonte de valor, a partir da *Crítica do Programa de Gotha*. Resgatando o trabalho assalariado, produtor de mercadorias, como uma determinação reflexiva frente ao capital, Sartori problematiza a centralidade do trabalho como uma impropriedade em relação à tematização marxiana.

É também sobre a questão do trabalho que Rutinea Alves reflete em seu artigo *Ethos mercantil capitalista e os desafios à autorrealização humana pelo trabalho*. Desenvolvendo a compreensão de Marx de que “a produção da vida material é também a produção de uma determinada forma de existência social, sustenta a autora que as relações de trabalho são instâncias fundamentais na constituição do *ethos*, ou seja, do modo de vida dos indivíduos em uma forma social concreta. Assim, retoma os fenômenos da alienação e do estranhamento como fenômenos objetivos gestados a partir da esfera da produção material, para buscar compreender os entraves oriundos da forma do trabalho sob o capitalismo no processo de autorrealização dos indivíduos.

Victor César Fernandes Rodrigues, em *Contexto e problematização do fetichismo na obra de Marx. Dos Grundrisse (1857-58) a O capital (1873)*, contextualiza o desenvolvimento dos conceitos de reificação e fetichismo, com a intenção de trazer a discussão para o fato de que é a temática da reificação exposta nos *Grundrisse* que engendra a formulação teórica do fetichismo em *O capital*. O autor se propõe a explicitar a temática do fetichismo através de sua própria “linha de força” na obra madura marxiana, que se encontra nos *Grundrisse*, passa pela *Contribuição à crítica da economia política*, e chega à sua formulação final no primeiro tomo da segunda edição alemã d’*O capital* (1873).

Fátima Maria Nobre Lopes e Adauto Lopes da Silva Filho se ocupam de um tema de suma importância na obra de Marx, que é a crítica da política, iniciada nos anos 1844 e que acompanha o trabalho de Marx até o final. No Brasil, esse tema recebeu o seu aprofundamento através dos estudos de José Chasin, que cunhou o termo “ontonegatividade da politicidade” para designar a amplitude e radicalidade da crítica de Marx à política e ao

Estado. Embora a intenção dos autores em *Nova Gazeta Renana: a política em sua dimensão negativa no pensamento de Marx* não seja trabalhar essa concepção inovadora de Marx, eles expõem, a partir dos artigos que compõem o texto *A burguesia e a contra revolução*, datados de 10 a 31 de dezembro de 1848 e que fizeram parte do jornal *Nova gazeta renana*, os lineamentos que identificam tal concepção.

O artigo de Elcemir Cunha Paço, *Ciência revolucionária: manifesto e miséria da filosofia*, trabalha a relação entre crítica da economia política e revolução. O objetivo central do artigo é apresentar os elementos fundamentais da ciência revolucionária conforme se desenha no *Manifesto do partido comunista* e na *Miséria da filosofia* a partir da crítica das formações ideais, particularmente as tangentes à economia política. Para tanto, há que se enfrentar a questão do conhecimento científico, isso para que a questão da revolução não seja desfigurada na forma de simples voluntarismo. Ou seja, há que se pensar o conhecimento na sua determinação social, vinculado às condições objetivas de sua possibilidade, para compreender o sentido de uma ciência revolucionária tal como pensada por Marx.

Os demais artigos deste dossiê refletem sobre a herança de Marx no chamado “marxismo ocidental”, termo cunhado por Merleau-Ponty em *As aventuras da dialética*, para designar certa perspectiva do materialismo histórico que se afastava de leituras dogmáticas vinculadas ao marxismo-leninismo.

Marxismo ocidental: causalidade e história em Merleau-Ponty é a contribuição de Rodrigo Barbosa Gomes Benevides para introduzir o estudo do marxismo ocidental. O texto trata da apropriação da noção de práxis por Merleau-Ponty, na década de 40, como elemento articulador da relação entre lógica e contingência no que ele considera como sendo a compreensão histórica marxista da história. Benevides acompanha o desenvolvimento do autor, mostrando as transformações a respeito dessa noção até a sua relativização na década de 50, quando Merleau-Ponty, aproximando-se do estruturalismo, afasta-se da perspectiva marxista.

O segundo artigo, *Marx, Antonio Gramsci e a ominidimensionalidade: o marxismo ‘atualizado’ e a ‘racionalidade’ da história*, de Antonio Carlos Figueiredo Costa, se debruça sobre a obra de Antonio Gramsci e sua contribuição ao marxismo no campo da cultura e da educação. Gramsci ocupa na história da evolução do marxismo um momento axialmente transformador, por haver rompido com o economicismo, o positivismo e o evolucionismo da II Internacional, possibilitando a valorização de aspectos superestruturais na mudança revolucionária da sociedade.

O artigo de Emiliano Orlante, *Algunas consideraciones críticas sobre el problema de la mimesis artística en Adorno y Lukács*, tem como tema o conceito de mimesis segundo o tratamento que lhe é dado por Gyorg Lukács, e centra-se sobre a polêmica entre este autor e Theodor Adorno em torno do mesmo. Orlante apresenta as proximidades e as divergências entre os autores e os equívocos da leitura adorniana ao identificar a teoria do reflexo na estética de Lukács – que tem a mimesis como categoria central – com o realismo socialista. Ao investigar o sentido da mimesis nos dois autores, Orlante esclarece a constelação teórica que corresponde às concepções de mundo de ambos e demonstra a rica articulação que Lukács estabelece em sua teoria do reflexo entre o espelhamento da realidade e a posição teleológica por parte do sujeito.

Esta coletânea de artigos oferece uma pequena mostra da riqueza do pensamento de Marx e de sua influência no século XX. Atualmente a obra de Marx e Engels, em sua integridade, incluindo manuscritos, cartas, etc, é objeto de uma ampla releitura, que envolve uma conjunção internacional de esforços no sentido de ser revista e divulgada, agora não mais sob conveniências e interesses políticos. Esse é o sentido do projeto MEGA 2 (Marx/Engels Gesamtausgabe), – e acreditamos que o material que já vem sendo disponibilizado ao público interessado será de grande valia na apreciação mais justa do pensamento desses dois autores.

Nada mais urgente que conhecer, discutir e repensar o lugar de suas contribuições à análise da sociabilidade, de forma a nos reapropriarmos da arma da crítica oferecida por eles, no sentido de colocar novamente no horizonte a questão da emancipação humana.

Entregamos assim aos leitores da *Sapere aude* a nossa contribuição nesse sentido, acreditando, como afirma Paço Cunha em seu artigo, que “a ciência revolucionária se estabelece como sendo a convergência entre a razão interessada na transformação social humanamente dirigida e a subordinação da consciência à propriedade das coisas, à sua dinâmica e mudança”.

Boa leitura!

Ana Selva Castelo Branco Albinati